

Olhar, ser olhado e olhar-se: notas sobre o uso da fotografia na pesquisa em psicologia social do trabalho

Leny Sato

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Após breve reflexão sobre os sentidos do olhar para a construção do conhecimento, teço considerações sobre o uso da máquina fotográfica na pesquisa em psicologia social do trabalho. Parto da ideia de que a construção de conhecimento é um processo de construção de visibilidades expressas tanto pela própria fotografia, como por palavras. A máquina fotográfica funcionou como mediação entre pesquisadora e pesquisados, na qual a promessa de fixação da imagem abriu espaços que potencializaram meu conhecimento dos valores sociais que sustentam a feira livre, das feições dos processos que a organizam, notadamente a sua organização em rede, e da estreita relação entre trabalho, arte e sociabilidade.

Palavras-chave: Psicologia social do trabalho, Metodologia, Etnografia, Máquina fotográfica, Fotografia, Feira livre.

To look, to be looked at, and to look at oneself: notes on the photographic camera use in research in social psychology of work

After briefly considering the roles of looking in knowledge building, I examine the photographic camera use in research in social psychology of work. I start from the idea that knowledge building is a process of building visibilities expressed both in photography and in words. The camera acted as a mediator between the researcher and her subjects, and its promise of fixation opened paths to enhance my knowledge of the social values underlying the open-air market, the features of its organization processes, especially its network structure, and the close relationship of work, art and sociability.

Keywords: Social psychology of work, Methodology, Ethnography, Photographic camera, Photography, Open-air markets.

Este artigo tem por objetivo apresentar apontamentos sobre a pesquisa em psicologia social do trabalho baseando-se em pesquisa de cunho etnográfico que conduzi com vistas a descrever os processos organizativos e o trabalho na feira livre na cidade de São Paulo.

Tematizo a pesquisa como processo de construção de visibilidades. Considerando-se os diferentes sentidos histórico-sociais do “olhar”, discuto a relação entre pesquisador e pesquisados a partir da evocação de vivências de “cuidado”, de “interesse” e de “vigilância”. Tais vivências, por parte dos pesquisados, são expressas por atos que permitem “ser olhados”, que anunciam “olharem-se” e que eles “olham”. Esse processo de construção de visibilidades mostra-se mais evidente e é potencializado quando a convivência do pesquisador com os pesquisados é intermediada pela máquina fotográfica, como instrumento que indica a promessa de registro de imagens. Esse intermediário potencializou meu acesso, como pesquisadora, aos valores sociais associados ao trabalho na feira livre, a algumas das principais feições dos processos que organizam a feira livre – tais como a organização em rede, a estreita vinculação entre relações de trabalho, de amizade e familiares, a estreita vinculação entre as dimensões lúdica, estética e de trabalho –, que foram apresentadas em outros estudos (Sato, 2006, 2007).

* * *

A pesquisa de campo em psicologia social, sobretudo a conduzida a partir da abordagem qualitativa, desenvolve-se, no mais das vezes, a partir da busca de um contato próximo com aqueles que podem nos aproximar e nos apresentar os fenômenos a serem pesquisados. O acesso aos acontecimentos vivos, abertos ao registro em primeira mão, é o caminho priorizado. Mas dentre os diversos caminhos possíveis, sem dúvida, há preferência pelos depoimentos orais em suas diversas modalidades, como descritos por Queiroz (1988). Em nossas discussões sobre o processo de fazer pesquisa, em nossas disciplinas de métodos de pesquisa e nas sessões de orientação aos estudantes, dispomos de textos que nos possibilitam refletir sobre como fazer entrevistas, sobre o uso do gravador, sobre os cuidados com a transcrição etc.

O mesmo não se pode dizer em relação a outras formas de alcançar a aproximação com os fenômenos que passam pelo não dito: o contato, a convivência e a observação.

Talvez, arriscamos, essa primazia do oral sobre o não dito como objeto de incansáveis cuidados metodológicos deva-se a uma forte tradição da prática clínica na psicologia, que toma o discurso como meio privilegiado de acessar sentimentos, vivências, crenças, conhecimentos e pontos de vista. Quanto à observação, a psicologia social, ao buscar acessar a subjetividade e o imaginário, encontrou seus interlocutores em outras disciplinas das ciências humanas – notadamente na antropologia e na sociologia. Assim, a distinção operada por Geertz (1989) entre a descrição superficial e a descrição densa pontuou os nortes para orientar a observação caso se busque construir a rede de significados sociais.

Independentemente do caminho priorizado para se acessar os fenômenos “ao vivo”, tudo tem início no contato com as pessoas. E a qualidade do vínculo estabelecido entre pesquisador e pesquisado insinua-se como pré-condição para a qualidade do “dado”¹ coletado. Exemplos sobre esses cuidados são as orientações sobre o estabelecimento do *rappport* que deve ser construído antes da condução de uma entrevista ou as orientações fornecidas por Ecléa Bosi ao jovem pesquisador quando este se prepara para entrar em campo (Bosi, 2003). Não se trata, absolutamente, de uma mera técnica, mas de um acerto pelo diapasão da convivência social que busque a sintonia entre pesquisador e pesquisado, de modo a estabelecerem-se vínculos com genuíno interesse, respeito e compreensão, sem os quais a comunicação seria fadada ao fracasso e, por conseguinte, a pesquisa como um todo. Bourdieu (1997), por sua vez, detém-se longamente na reflexão sobre as implicações de o pesquisador ter familiaridade com as pessoas pesquisadas. Para ele, a familiaridade é desejável, pois transporia o obstáculo à comunicação devido à distância social, cultural e econômica entre entrevistador e entrevistado.

Em outra ocasião, já dissemos que a amplitude da assimetria entre a posição do pesquisador e a do pesquisado é menor do que podemos supor, pois, ao mesmo tempo em que pesquisamos, somos também pesquisados, e as “respostas” às nossas perguntas – ou as perguntas formuladas pelos pesquisados que interpelam as nossas – e a tematização de assuntos que os pesquisadores propõem aos pesquisados são guiadas pelas informações que estes angariam sobre os pesquisadores; talvez, mais precisamente, sobre as interpretações que fazem sobre os pesquisadores (Sato & Souza, 2001). Por isso, optamos por denominar a relação entre pesquisador e pesquisado como um processo de convivência entre pessoas, o que se torna mais evidente quando se adota o aporte etnográfico na condução da pesquisa de campo, algo que Rockwell (1987) tão bem descreveu.

Veremos que os cuidados costumeiramente adotados na pesquisa em psicologia social para “ouvir bem” significam atender a cuidados para, antes, “ver bem”.

* * *

¹ As aspas foram utilizadas para marcar que o que normalmente nós denominamos de “dado” é fruto de construções da realidade.

Tudo tem início com a aproximação física entre pesquisadores e pesquisados: algo tão evidente, mas não pensado. Nessa modalidade de pesquisa, a proximidade dos corpos é condição primeira e *sine qua non* para que o conhecimento se construa.

Merleau-Ponty (1980) reverteu a ordem cartesiana, para a qual a consciência e o conhecimento não passavam pelo corpo, sede das paixões e fonte dos erros. Para ele, o corpo possibilita as múltiplas visadas, pois habita o mundo que observa. É pela possibilidade de habitar, no sentido de aproximar-se e de fazer parte, que a aproximação do corpo do pesquisador está totalmente implicado no processo de construção do conhecimento. Se volto-me para as minhas incursões no campo, posso rememorar algumas frases ouvidas: “vem aqui!”, “porque você não vai no vestiário das mulheres?”, “vai no refeitório pra você ver o pessoal?”, “fica aqui do meu lado pra você ver como é que eu faço”, “passa lá [na linha de produção] depois...”. Estar junto, estar longe, dirigir-se para vários espaços onde as coisas acontecem, mover-se para cá e para lá, essas são indicações que tenho recebido de vários trabalhadores em minhas pesquisas de campo em psicologia social do trabalho. Para conhecer, dizem-me, deve-se estar com o corpo próximo das pessoas e dos acontecimentos que elas protagonizam.

Até para nos dirigirmos às pessoas com a intenção de apresentar e de explicar nossas intenções de pesquisa é necessário que nosso corpo esteja próximo do delas: para que nos vejam, para que nos ouçam ou para que tomem em suas mãos e leiam nossas cartas de apresentação². E o primeiro contato mantido nessa relação pessoal dá-se pelo olhar. Ao mesmo tempo em que as olhamos, deixamo-nos ser olhados.

O olhar, como aponta Chauí (1988), é, dos cinco sentidos, aquele que sintetiza o que os outros acessam quando se buscam vinculações entre o olhar e o conhecimento.

“dos cinco sentidos, somente a audição (referida à linguagem) rivaliza com a visão no léxico do conhecimento. Os demais, ou estão ausentes ou operam como metáfora da visão (p. 37).

E Chauí (1988) recorre a Santo Agostinho para mostrar essa concepção³:

É aos olhos que propriamente pertence o ver. Empregamos, contudo, esse termo mesmo em relação aos outros sentidos, quando os usamos para obter qualquer conhecimento. Assim, não dizemos, “ouve como brilha”, “cheira como resplandece”, “saboreia como reluz”, “apalpa como cintila”. Mas já podemos dizer que todas essas coisas se veem. Por isso não só dizemos “vê como isto brilha” – pois só os olhos o podem sentir –, mas também “vê como ressoa, vê como cheira, vê como sabem bem, vê como é duro”. É por isso que se chama concupiscência dos olhos à total experiência que nos vem pelos sentidos. Apesar de o ofício da vista pertencer primariamente aos olhos, contudo os restantes sentidos usurpam-no por analogia, quando procuram um conhecimento qualquer (Santo Agostinho, 1973, citado por Chauí, 1988, p. 39).

E o olhar, se é o usurpador dos demais sentidos, afirma Chauí (1988), é porque “ver é ter à distância” (p. 40). E, baseando-se em Merleau-Ponty, conclui:

O olhar apalpa as coisas, repousa sobre elas, viaja no meio delas, mas delas não se apropria. “Resume” e ultrapassa os outros sentidos porque os realiza naquilo que lhes é vedado pela finitude do corpo, a saída de si, sem precisar de mediação alguma, e a volta a si, sem sofrer qualquer alteração material (Chauí, 1988, p. 40).

2 Em pesquisa recentemente desenvolvida sobre o trabalho na feira livre, distribuí uma carta de apresentação aos feirantes, explicando os motivos que levaram ao desenvolvimento da pesquisa sobre o trabalho e a organização da feira livre (Sato, 2006).

3 Santo Agostinho, nessa passagem, reafirma a tese aristotélica de que os olhos têm maior aptidão para o conhecimento, muito embora condene a curiosidade dos olhos pois, a seu ver, ela expressaria a concupiscência (Chauí, 1988).

Do contato aberto e apoiado pelo olhar, o conhecimento pode ser construído de modo ativo ou receptivo (Bosi, 1988),⁴ um olhar que recebe passivamente o mundo e que para conhecer basta abrir bem os olhos; ou um olhar que recorta, que evidencia aspectos e que busca ativamente o que ver⁵.

Os significados do olhar, como bem mostram Marilena Chaui (1988) e Alfredo Bosi (1988), são múltiplos, pois são dependentes das leituras filosóficas que apoiam concepções teóricas e visões de mundo, dado que o “olhar” não se reduz ao que o órgão do sentido, o “olho”, vê, em termos fisiológicos. Se, em português, a aproximação entre as palavras “olho” e “olhar” pode nos conduzir a pensar que o “olhar” está estreitamente determinado pelo que acessa o órgão do sentido “olho”, em outros idiomas (espanhol, francês, inglês e italiano), continua Alfredo Bosi (1988), as palavras “olhar” e “olho” não partilham essa mesma aproximação: *mirada e ojo; regarder e oeil; look e eye; sguardo e occhio*.

Do mesmo modo, a visibilidade pode ter diversos sentidos e ser vivenciada como cuidado e zelo que protege (Bosi, 1988), como interesse que busca pesquisar e compreender, ou como vigilância que controla e disciplina (Foucault, 1995).

Ulpiano Meneses (2005) afirma:

O visível (com, naturalmente, sua contrapartida, o invisível) representam o domínio do poder e do controle, o ver/ser visto, dar-se/não se dar a ver, os objetos de observação obrigatória assim como os tabus e segredos, as prescrições culturais e sociais e os critérios normativos de ostensão e discrição – em suma, de visibilidade e invisibilidade (p. 36).

Mas Alfredo Bosi (1988) apresenta o outro sentido possível:

O olhar não é apenas dirigir os olhos para perceber o “real” fora de nós. É, tantas vezes, sinônimo de cuidar, zelar, guardar, ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito: olhar por uma criança, olhar por um trabalho, olhar por um projeto. E, não por acaso, o italiano *guardare* e o francês *regarder* se traduzem precisamente por “olhar” (p. 78).

Como mostra o vocabulário que faz parte da linguagem do nosso dia-a-dia, o olhar é tomado em apelo não apenas para se referir ao conhecimento, pois impregnado está de expressões que recorrem ao olhar para compor um sem número de expressões corriqueiras – as quais empregamos sem mesmo nos aperceber –, como: “veja bem”, “mau olhado”, olhar maternal, olhar de soslaio, olhar turístico, olhar erótico, olhar desconfiado, dentre outros. Assim, encarrega-se o olhar de garantir uma multiplicidade de sentidos que em muito ultrapassam aquele que fisiologicamente o órgão olho alcança (Bosi, 1988; Chaui, 1988; Meneses, 2005),

* * *

Em minha experiência de pesquisa de campo recentemente empreendida em uma feira livre da cidade de São Paulo, vivenciei fortemente os diversos sentidos que o olhar pode ter.

A feira livre aguça os cinco sentidos sensoriais ao emanar muitos cheiros, oferecer muitas cores, produzir muitos sons e oferecer uma multiplicidade de sabores e texturas sempre estimulantes; entretanto, foi pelo motivo do olhar que muitas inquietações vivi. Foram

4 Roberto Cardoso de Oliveira (2000) aponta o “olhar” investigativo como um dos momentos da construção do conhecimento, o qual é sempre informado por uma teoria e por uma concepção de mundo.

5 Marilena Chaui (1988) detém-se longamente na reflexão sobre os caminhos que a filosofia percorreu para conceber o olhar em sua relação com o conhecimento.

inquietações de natureza ética e não metodológica em senso estrito. Essa experiência de pesquisa de campo, mais do que outras⁶, foi-me, principalmente no início, especialmente inquietante sob esse aspecto, talvez porque a feira livre dê-se no espaço público. Assim, qualquer um pode ir à feira livre para trabalhar, para passear, para fazer compras, para mendigar e também para pesquisar. Diferentemente de outros espaços de trabalho, não se tem que pedir autorização para um alguém, pegar um crachá de identificação e ter a visita acompanhada por um tempo previamente acordado. A feira livre não se encontra protegida por muros nem portões, não materializa a disciplina por meio de um cartão de ponto, não personifica a presença do controle por meio de um gerente ou de um dono. Ela é aberta a todos. Fácil, então, para ser olhada e para ser pesquisada. Talvez, por isso, os riscos da invasão do meu olhar sobre as outras pessoas tenham me incomodado mais fortemente do que em outros contextos de trabalho mais controlados. Aparentemente eu poderia pesquisar sem timidez ou titubeio. É fácil olhar. E, aliadas a essa facilidade, todas as questões de natureza ética, desencadeadas pelo fato de olhar, apresentaram-se; por exemplo, o do pensamento como um ato moral (Geertz, 1997).

Será que posso, devo e preciso olhar tudo? Será que posso, devo e preciso perguntar sobre tudo? Será que posso, devo e preciso ouvir tudo?

Foi na tensão entre conhecer, controlar e cuidar, corporificados no olhar, que me movi pela feira livre. Algumas frases soltas que ouvia dos feirantes mostraram-me que todos esses sentidos se apresentavam. “*Não vai escrever isso aí no seu relatório, hein?*”, alerta Rafael; e Gomide, ao contrário: “*Até que enfim alguém tá preocupado com a gente!*”. E foi também nessa tensão entre conhecer, controlar e cuidar que me apresentei como alguém que podia ser olhada, ouvida e inquerida.

Ao mesmo tempo, alguns feirantes, sabedores de minhas intenções de pesquisa, orientaram meus olhos e meus ouvidos, chamando a minha atenção para determinados fenômenos. Diversas foram as francas demonstrações de receptividade, como também as de esquivança, apreendidas quer pela firmeza e manutenção do olhar em direção a mim, quer pelo seu desvio, por meio de um olhar que me atravessava mas não me via. O olhar autorizava-me ou não a falar, a ouvir, a perguntar e a adentrar em espaços não abertos ao público, o bastidor da banca ou a participar de uma conversa reservada.

Muito embora no início da pesquisa alguns feirantes imaginassem que ela seria conduzida mediante a aplicação de questionários, acostumaram-se com a minha presença livre de instrumentos para anotações ou do gravador. Não foram poucos os que, ao receberem a carta que elaborei para explicar minhas intenções de pesquisa, perguntavam: “*você vai aplicar um questionário?*”. Alguns tentavam compreender o tipo de pesquisa que eu estava fazendo: “*ah, então é que nem um detetive?*”, pois eu dissera que não aplicaria questionário, mas que ficaria convivendo com eles e os observando, ouvindo suas histórias e conversando, para depois anotar tudo em casa (o diário de campo).

Após cerca de seis meses, comecei a levar uma máquina fotográfica. Não o fiz com clareza sobre sua utilização como instrumento de pesquisa *a priori*. Movida, decerto, pelo senso de que a feira livre merece ser fotografada, dei início a uma série de registros fotográficos. Walter Benjamin (1994) e Susan Sontag (2004), nas citações que se seguem, parecem conseguir sintetizar esse sentimento.

Mas na fotografia surge algo de estranho e de novo: na vendedora de peixes de New Haven, olhando o chão com um recato tão displicente e tão sedutor, preserva-se algo que não se reduz ao gênio artístico do fotógrafo Hill, algo que não pode ser silenciado, que reclama com insistência o nome daquela que viveu ali, que também na foto é real, e que não quer extinguir-se na “arte” (Benjamin, 1994, p. 93).

⁶ Aqui refiro-me à experiência de trabalhos de pesquisa empírica desenvolvidos em prédios industriais e bancários, em espaços não públicos do metrô de São Paulo e de empresas de transporte rodoviários urbano.

Fotos – e citações –, porque são tidas como pedaços da realidade, parecem mais autênticas do que amplas narrativas literárias (Sontag, 2004, p. 89).

Como alguns estudos mostram, a fotografia pode ter múltiplos usos na pesquisa social: como documento, como uma citação, como dado que possibilita esquadrihar uma situação de trabalho, como uma das visadas possíveis sobre os acontecimentos⁷ e como fonte de inspiração para os relatos apresentados.⁸ Além disso, as fotografias e a máquina fotográfica, sem que assim fosse a minha intenção, desempenharam papel no sentido de estreitar meus laços com feirantes e freguesas e também foram mote para desencadear, espontaneamente, comentários importantes para compreender a feira livre como um espaço de trabalho, de sociabilidade e a sua organização.

Como linguagem, a fotografia pode ser tomada como um “recurso narrativo autônomo na função de convergir significações e informações a respeito de uma dada situação social” (Achutti, 1997, p. 13). Nessa concepção, prescindiria do apoio da linguagem verbal para comunicar e expressar.

Como sempre ocorre em estudos deste tipo, o controle que o pesquisador tem sobre a condução do trabalho de campo é partilhado com as pessoas do lugar. Porém, com a máquina fotográfica, operou-se um desequilíbrio nesse partilhamento. Percebi que durante determinado período, notadamente quando a minha presença com a máquina fotográfica era uma novidade, fui constantemente conduzida pelos chamados dos feirantes, pelos pedidos para ir a outros lugares, para olhar e registrar o que para eles era importante. A máquina fotográfica concretizava a autorização para tornar determinados fenômenos visíveis.

Imagens de pessoas, de interações sociais, de espaços e de coisas foram registradas. Como fotógrafa, fui dirigida e dirigi. Presenciei acontecimentos que mereciam ser fotografados e algumas situações que resolvi fotografar configuraram uma outra: as pessoas fotografadas e eu éramos enquadrados em cenas observadas por outros, sendo mais uma expressão das possibilidades que o espaço de sociabilidade na feira livre abre, pois que também se tornavam assunto e eram objeto de brincadeiras entre feirantes, freguesas e *habitués*.

A máquina fotográfica atuou como um intermediário, no sentido atribuído por Bruno Latour, conforme Stalder (1997). Ou seja, a minha presença na feira livre como pesquisadora tinha implicações muito diferentes quando portava a máquina e quando não a portava. Na primeira condição, além de ser alguém que demonstrava interesse pelo trabalho dos feirantes – que os olhava –, era também alguém que poderia devolver-lhes, na forma de imagens, o produto do seu trabalho e a sua arte. Nesse sentido, os feirantes também moviam-se para uma posição que lhes possibilitava olharem a si mesmos, e não apenas serem olhados por outrem. Operava-se, assim, um deslocamento de posição a partir da concretização da reflexividade, o que oferecia a possibilidade de observarem e refletirem sobre si mesmos, oportunidade singular para reafirmarem crenças que tinham sobre seus próprios trabalhos ou para conhecê-los, admirarem a beleza que produzem com seus trabalhos, concretizarem para si mesmos o resultado de um trabalho árduo, intenso, cotidiano e até mesmo repetitivo. Porém, olharem a si mesmos por meio de imagens que se fixaram permitia observar algo que, apesar de encarnado em atos corriqueiros e cotidianos há vários anos, nem sempre havia sido objeto da atenção e da reflexão por parte dos próprios feirantes.⁹ Tornar visível o trabalho que realizam em uma forma

7 Os usos da fotografia e de outras linguagens visuais na pesquisa em ciências sociais são discutidos em Tacca (2005), em Andrade (2002), em Kossoy (2001), em coletânea organizada por Feldman-Bianco e Moreira Leite (2004) e por Martins, Eckert e Novaes (2005) e em Achutti (1997 e 2004). No campo da psicologia, esse mesmo tema é discutido em estudos recentes: Neiva-Silva e Koller (2002), Maheirie, Boeing e Pinto (2005) e Maurente e Tittoni (2007). Focalizando especificamente a feira livre, Vedana (2004) apresenta uma etnografia visual bastante interessante e rica de uma feira livre, utilizando-se do vídeo e da fotografia.

8 Brassai (2005) aponta o forte interesse de Marcel Proust pela fotografia e analisa suas repercussões na obra do escritor, chamando a atenção para a presença da imagem fotográfica nos pontos de vista que se expressam nas belas descrições que o escritor nos deixou.

9 Por exemplo: o trabalho de re-moer verduras é repetitivo e o esmero com o qual alguns feirantes fazem-no transformam o moço

tão concreta (a fotografia) era a oportunidade de os feirantes ressignificarem a si mesmos no trabalho, e portanto, a si mesmos. Ver-se, então, não apenas cumpre a função de reafirmar algo conhecido, mas a de conhecer mais algo sobre o conhecido. Nesse sentido, é possível conceber que a pesquisa opera uma intervenção.

Tornarem-se visíveis por meio de fotografias que, muitas vezes, eram o resultado da própria direção (de fotografia), possibilitava cumprir outras funções: a de informar parentes distantes sobre como é dura a vida em São Paulo¹⁰; a de rever-se, e, portanto, ressignificar-se; a de expressar a amizade e o carinho por colegas da feira¹¹ etc.

Muitas vezes, aquilo que para os feirantes era significativo estava fora do alcance das vistas do visitante esporádico, da freguesia e da pesquisadora. O meu acesso a esses espaços privados foi permitido por contar com a mediação da máquina fotográfica e, por isso, puderam se tornar visíveis. A câmera era como uma senha de entrada, que permitia ver o trabalho, a arte e a rede de relações que fazem e organizam a feira livre em um complexo e sempre mutável modo de se trabalhar¹², adotado justamente como meio para driblar a precariedade e a incerteza.

Ouvir e conversar foram influenciados por essa experiência sensorial e simbólica possibilitada pelo olhar. Fenômenos sobre o universo privado que estão presentes na racionalidade que organiza a feira livre, bem como fazeres que, a princípio, não poderiam ser compreendidos sem que os feirantes chamassem a atenção, intermediados pela máquina fotográfica, foram, então, objeto de focalização especial nos momentos em que a conversa era o caminho privilegiado para conduzir essa investigação. Era a imagem fixada na fotografia que repetidas vezes estimulava comentários importantes dos próprios feirantes, tornando públicos seus sentimentos, seus valores e suas apreciações sobre o universo de vida e trabalho, dos quais, de outro modo, talvez não se pudesse ter conhecimento.

A máquina fotográfica e as imagens fixadas por ela foram mediações importantes que permitiram conceber a pesquisa como um processo de construção de visibilidades. No caso específico do estudo da feira livre, tornaram-se visíveis a complexidade do trabalho, a criatividade que permite aproximar trabalho e arte, o espaço de sociabilidade que deixa as intenções da metrópole distantes; também tornaram visíveis tanto a precariedade, como as formas por meio das quais os feirantes buscam suplantar os seus limites em um trabalho árduo.

A visibilidade deu-se por meio da imagem fixada pela fotografia e também pelas descrições de acontecimentos que puderam ser conhecidos porque fui convidada e autorizada a testemunhá-los quando portava a máquina fotográfica.

... a partir de Seu Antonio

O combinado era voltar para fotografar Seu Antonio. Antes, passara na banca de Alberto, de Juca, de Carlinhos, de Dona Dirce e de Renato. Paro na banca de flores e, indecisa entre lírios e angélicas, o florista vem em meu auxílio:

– “É, o lírio tem cheiro forte... Mas elas duram quase a mesma coisa: uma semana mais ou menos”.

de rúcula em um buquê de rúcula (ver a esse respeito: Sato, 2007).

10 Essa era uma solicitação de alguns feirantes oriundos da região nordeste do Brasil, localidade em que residiam seus parentes.

11 Ocasão em que ofereciam como recordação a amigos e amigas feirantes fotografias tiradas na feira livre.

12 A descrição detalhada do trabalho e da organização da feira livre encontra-se no trabalho de tese de Livre Docência, intitulado *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade* (Sato, 2006) e no artigo *Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre* (Sato, 2007), motivo pelo qual não o farei aqui.

Nesse momento, ouço:

– “Oi, Lê!!! Eu tava falando de você agorinha mesmo! Você não trouxe a máquina fotográfica, né?”, era Cléo, alegremente surpresa por me ver.

– “Trouxe sim, você quer que eu tire?”.

– “Eu queria que você tirasse de duas pessoas...”.

– “Eu tiro!!”.

Por fim, escolho as angélicas. E Cléo, rapidamente, conclui a compra por mim:

– “Deixa que depois eu acerto as flores dela!”.

Surpresa com a oferta, olho para o florista, que sorri e, brincando, afirma:

– “Ih, vou tomar na cabeça!”.

Rapidamente, Cléo toma a sacola e o ramallete de flores de minhas mãos, toma meu braço e me conduz à sua banca, tudo isso sem dar-me possibilidade de cadenciar o acontecimento, andando, num passo largo e rápido que só faço acompanhar.

Sua nenê encontrava-se no carrinho, sozinha, escondida atrás da mercadoria, as muitas roupas sobre o tabuleiro de sua banca. Enquanto guarda a sacola e as angélicas, e toma a nenê em suas mãos, saímos da banca e ela leva-me para outra, que prepara e vende *yakissoba*.

– “É ela que tirou as fotos da nenê. Ela vai tirar fotos do senhor”, assim explica nossa presença ao feirante.

Um pouco tímido e desconcertado, mas expressando certo orgulho, o feirante e suas três ajudantes, todos uniformizados, alinham a postura e mudam a expressão do rosto, aprontando-se para a foto, sem deixar de zelar pelo atendimento à freguesia, que, cativa, faz comentários sobre o “evento”, dando sorrisos de apoio e aprovação das poses feitas. Fregueses abrem espaço para que eu consiga um bom ângulo.

Cléo observa e, finda a sessão de fotos, conduz-me a outra banca. Retornamos ao florista.

– “Ela vai tirar umas fotos do senhor. Ela que tirou as fotos da nenê”.

O florista, sua esposa e seu filho trabalham na banca. Peço que Cléo, sempre do meu lado, passe para o lado dos feirantes. E assim as fotos registram: Cléo, sua nenê e a família de floristas.

Ao final, quando então tenho tempo para apresentar-me devidamente aos floristas, minha imaginação é levada a outro lugar:

– “Vai lá na feira do Pacaembu, tem muitas bancas de flores!!! Lá eles vendem muito. Meu cunhado tem banca lá!”.

Só então retorno à banca de Seu Antonio, para mais uma sessão de fotos.

(Fragmento de diário de campo).

A cada novo encontro outros são sugeridos, abrindo para diversos espaços nos quais essa rede se faz presente, entrelaçando trabalho, amizade e parentesco; entrelaçando trabalho, arte e sociabilidade; entrelaçando os cinco sentidos sensoriais, capitaneados pelo olhar.

Referências

- Achutti, L. E. R. (1997). *Fotoetnografia – um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial e Palmarica.
- Achutti, L. E. R. (2004). *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Tomo Editorial e Palmarica.
- Andrade, R. (2002). *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade, Educ.
- Benjamin, W. (1994). *Pequena história da fotografia*. São Paulo: Brasiliense.

- Bosi, A. (1988). Fenomenologia do olhar. In A. Novaes (Org.), *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bourdieu, P. (1997). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes.
- Brassaï, G. (2005). *Proust e a fotografia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Chauí, M. (1988). Janela da alma, espelho do mundo. In A. Novaes (Org.), *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Feldman-Bianco, B. & Moreira Leite, T. (Orgs.). (2004). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus.
- Foucault, M. (1995). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTr.
- Geertz, C. (1997). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- Kossoy, B. (2001). *Fotografia & história*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Maheirie, K., Boeing, P. & Pinto, G. C. (2005). Pesquisa e intervenção por meio da imagem: o recurso fotográfico no cotidiano de varredores de rua. *Psico*, 36 (2), 213-219.
- Martins, J. S., Eckert, C. & Novaes, S. C. (Orgs.). (2005). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc.
- Maurense, V. & Tittoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19 (3), 33-38.
- Meneses, U. T. B. (2005). Rumo a uma "história visual". In J. S. Martins, C. Eckert & S. C. Novaes (Orgs.), *O imaginário e o poético nas ciências sociais* (pp. 33-56). Bauru: Edusc.
- Merleau-Ponty, M. (1980). O olho e o espírito. In *Textos Escolhidos* (coleção Os pensadores). São Paulo: Abril.
- Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em psicologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7 (2), 237-250.
- Oliveira, R. C. (2000). O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In *O trabalho do antropólogo* (pp. 17-35). Brasília: Paralelo 15. São Paulo: Editora Unesp.
- Queiroz, M. I. P. (1988). Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In M. I. P. Queiroz, Z. B. F. DeMartini, R. Cripriani & M. I. Maciotti (Orgs.), *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)* (pp.14-43). São Paulo: Vértice.
- Rockwell, E. (1987). *Reflexiones sobre el proceso etnográfico (1982-1985)*. México: Departamento de Investigaciones Educativas-Centro de Investigación y Estudios Avanzados.
- Sato, L. (2006). *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sato, L. (2007). Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia & Sociedade*, 19 (edição especial 1), 95-102.
- Sato, L. & Souza, M. P. R. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12 (2), 29-47.
- Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Stalder, F. (1997). *More on Bruno Latour*. Texto disponível na Internet: <http://amsterdam.nettime.org>
- Tacca, F. (2005). Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação. *Psicologia & Sociedade*, 17 (3), 9-17.
- Vedana, V. (2004). "Fazer a feira" – estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e freguesas na Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Endereço para correspondência
lenysato@usp.br

Recebido em: 02/09/2008
Aprovado em: 04/11/2008